

Museum of Childhood: o desafio do encontro de gerações

MARIA ISABEL LEITE

Pedagoga, mestre e doutora em Educação com Pós-doutorado em Arte-Educação na área de Educação Museal pela Roehampton University, Londres

RESUMO

Este texto visa a problematizar estratégias que o *V&A Museum of Childhood* usa para enfrentar o desafio de tornar-se atrativo, simultaneamente, às diferentes gerações. Traz uma breve contextualização, descreve o Museu e suas seções, formas de musealização e atividades e alinha reflexões reconhecendo o esforço em consolidar um caminho de acessibilidade, de museu como espaço de congregação e de 'edutainment' mais lúdico, participativo e acolhedor, mostrando que é possível dividir e partilhar o mesmo espaço entre crianças, jovens e adultos – crença que a modernidade parece querer afastar.

Palavras-chave: Museu. Educação museal. Encontro geracional

ABSTRACT

This article aims to show up different strategies used by *V&A Museum of Childhood* to face the challenge of been attractive, simultaneously, to different generations. It has a small contextualization, it describes the Museum, its sections and activities and then, reflect about the strength they use to be accessible, to be confirmed as a museum like a congregation's place, as a place of edutainment; funniest, participative and welcome, showing that it is possible to share the same place between children, young and adults – faith that modernity seems to refuse.

Key words: Museum. Museum education. Generation encounter

1 - Pesquisa de pós-doutorado, financiada pela UNESCO, sob a supervisão da Profa. Dra. Rachel Mason – ligada ao CIRACLE, Centre for International Research in Creativity and Learning in Education, da Faculdade de Educação da Roehampton University, em Londres, Inglaterra.

2 - Para saber mais sobre a história de Londres, acessar: <http://www.discovery-brasil.com/origens/index.shtml>

3 - In www.london.gov.uk acesso em 3/4/2007.

Este texto refere-se a um recorte da pesquisa *Museums and Galleries' Education in London – an outsider view*, [1] desenvolvida de janeiro a junho de 2007 em sete museus britânicos, dentre os quais o V&A Museum of Childhood (em português, Museu da Infância). Sua questão central foi perceber de que forma estes museus britânicos ajudavam crianças e professores em seus processos de produção de sentidos. O meu ‘olhar estrangeiro’ permitiu-me, como pesquisadora, estranhar aquilo que me era familiar e, ao mesmo tempo, aproximar e tornar familiar aquilo que me era estranho. Assim, resguardadas as distâncias históricas, culturais, sociais, políticas e econômicas que distinguem as duas realidades – brasileira e inglesa –, trago para o diálogo uma reflexão crítica sobre parte desta experiência londrina.

Falar da Inglaterra é dizer de uma civilização que remonta há alguns séculos. [2] É ter Londres e seus 7 milhões [3] de habitantes como ponto central, com a diversidade refletida em todos os aspectos, todo o tempo – não é a toa que Londres está entre as cidades do mundo consideradas *world cities* ou *global cities*, isto é, aquelas que quebram com as fronteiras puramente geográficas e criam processos globais, cidades que afetam o mundo não apenas socioeconomicamente, mas também cultural e politicamente. Uma cidade que dedica a terceira página de seu catálogo telefônico aos museus, logo em seguida dos hospitais e demais emergências, como Bombeiro, Polícia etc. Seus espaços museais são tão variados quanto a própria cidade – como diz Willis (2006: 1), não importa se seu interesse é em dinossauros ou odontologia, ou processos de manufatura ou formas de apagar incêndio; obras de arte clássicas ou de jovens artistas – há grandes chances de haver um museu em Londres sobre seu tema de interesse.

A palavra *museum* passou a fazer parte da língua inglesa em 1683, (NEWHOUSE, 1998: 46) entretanto o ano de 1753 é importante marco na história museológica inglesa por ser aquele no qual o Parlamento aprovou o *British Museum Act*, que “assegura que um grupo de artefatos que foi doado à nação por um colecionador poderia ficar disponível às pessoas, uma vez que representava uma parcela do conhecimento humano” (CHARMAN, ROSE & WILSON, 2006: 21 – tradução pessoal) – e o

British Museum (Museu Britânico) foi inaugurado em 1759, sendo o primeiro museu independente do mundo.

O Museu da Infância londrino foi criado em 1872, como braço do *Victoria & Albert Museum* (V&A), mas é em 1974 que ele assume a temática “infância”, embora ainda voltado exclusivamente para o público adulto – afinal, a concepção vigente era de museu como espaço de memória, sagrado e silencioso, e entendiam que a temática interessava aos adultos, já que foram todos, um dia, crianças. Desde 2003, entretanto, vem sofrendo uma série de reformulações, entre as quais, investir no compartilhamento de espaços físicos por crianças e adultos e promover uma série de ações e reestruturações que visam torná-lo atrativo, simultaneamente, às diferentes gerações.

Essa busca de compartilhamento de espaços não é tão comum. Museus, em geral, são locais comumente identificados com o público adulto, exceto aqueles denominados “Museu da Criança” que, ao contrário, são aqueles planejados como espaços privilegiados de apropriação de conhecimento por parte de meninos e meninas. Há, no mundo, treze instituições deste tipo, sendo cinco na Europa e oito nos Estados Unidos. Nomes como “Exploratorium” ou “Please Touch Museum” dão o tom das ações neles desenvolvidas – todas voltadas para a especificidade da criança como sujeito contemplador. As iniciativas mais próximas que se tem notícia, no Brasil, são: o Museu da Educação e do Brinquedo, da Universidade de São Paulo (USP); e o Museu do Brinquedo – meta-museu do Museu Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); sem falar da existência de seções interativas e voltadas para crianças em museus diversos. O museu brasileiro que mais se aproxima da proposta de encontro geracional do Museu da Infância londrino é o também denominado Museu da Infância, situado na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em Criciúma/SC. [4]

Mas a despeito de para quem foi planejado o Museu, Theano Moussouri (2007) defende que o espectador, no museu, independente da temática do mesmo, vive, fundamentalmente, uma experiência de constituição identitária a partir da percepção e nominação de atributos (portanto, de reconhecimento/estranhamento) sobre aquilo que é visto. Su-

4 - Sobre isso, ler mais em: REDDIG, Amalhe Baesso. “A infância representada nos espaços museais de Santa Catarina: reflexões sobre educação, identidade cultural, museus, arte e infância”. *Dissertação de Mestrado. Criciúma/SC: UNES/PPGE, 2007.*

blinha o quanto o campo de estudos museais, como área específica de conhecimentos, pode ainda ser considerado novo e que, apesar de vir crescendo significativamente nos últimos 20 anos, ainda ressonante de falta de teoria. Segundo a autora, nos anos 80/90 do século passado, o foco foi instituir o museu como locus de aprendizagem. Portanto, sabe-se que as pessoas aprendem em museus – o ponto é: como? Diante desse recorte, a autora considera que os desafios correntes passam por perceber a natureza do aprendizado que emerge das experiências museais: como eles ocorrem, como se desenvolvem e, portanto, como podem ser otimizados. Baseada na teoria de aprendizagem sociocultural de Vygotsky, afirma que as pessoas aprendem umas com as outras, mais do que individualmente. Partindo disso, defende que partilhar as experiências museais é relevante forma de aprendizado e que uma grande motivação para visitar um museu pode ser relacionada à constituição de identidade de grupo, identidade gregária – neste sentido, entendo que sua perspectiva traz contribuições para pensarmos de que forma o encontro de sujeitos de diferentes gerações pode favorecer os processos de apropriação de conhecimentos de todos.

Ainda nessa perspectiva, a autora afirma que, na medida em que a identidade afeta a construção de sentidos, o tipo de objeto exposto e a forma como favorecemos o encontro com ele vão ser determinantes para ampliar o aprendizado dos visitantes sobre si, suas famílias e a história de suas comunidades – ontem e hoje. Por fim, aponta que o maior desafio dos educadores de museus é como tornar as experiências museais mais memoráveis. Isso passa por uma necessária revisão também na acessibilidade das coleções/exposições; na capacidade dos museus delinearem e cumprirem suas missões (foco); e na compreensão de seu papel eminentemente social e educacional – questões que podem ser traduzidas pela inclusão em suas diferentes facetas.

Acompanhando uma tendência que remonta à década de 90 do século passado na área museal, a questão da inclusão e da acessibilidade foram postas em discussão mais fortemente no Museu da Infância a partir de 2002, derivando a necessidade de acolher um público 'novo'. A celebração da diferença e o esforço de mostrar-se acolhedor se fazem notar,

não apenas em sua reestruturação física, como ainda em seus critérios e formas de musealização [5] e em sua política de atividades direcionada ao encontro de gerações, que abarca atividades para famílias, bem como propostas educativas dirigidas à discussão geracional. A importância desta direção já foi por mim assinalada em outros momentos (LEITE, 2006: 82):

“imaginar formas de partilha entre crianças e velhos num museu seria um desafio que, certamente, valeria a pena ser enfrentado – estaríamos aumentando, ainda mais, suas interlocuções e fraturando o tempo cronológico. “Na socialização das lembranças, velhos e crianças movimentam-se numa direção em que o importante é a busca de compreensão e o estabelecimento de sentidos.” (PARK, 1996: 47)

5 - Musealizar um objeto é pensar as diferentes formas de expô-lo ao público de forma que se estabeleça comunicação entre eles. Inclui a classificação da organização, a etiqueta e seu conteúdo, a forma mesmo de exposição, cenário etc..

O MUSEU DA INFÂNCIA E SUAS ATIVIDADES

O Museu da Infância londrino fica em *Bethnal Green*, na Zona 2 da cidade. Se chegarmos nele antes das 10 horas, já vemos um aglomerado de crianças aguardando, de todas as faixas etárias, mas particularmente as menores, a pé ou em carrinhos, muitas delas com suas mochilas e sacolas, acompanhadas de responsáveis também de diferentes idades.

O prédio é um grande hangar, construído de forma simples, com uma significativa coleção de brinquedos, roupas e outros objetos que remetem à infância, além de exposições de trabalhos de crianças. Com três pisos (subsolo, térreo e mezanino), procura, de diferentes formas, acolher a diversidade étnica, sociocultural e etária.

Nesse museu, crianças não têm apenas coisas para ver, mas também para tocar, para brincar, papéis e lápis diferentes para desenhar, fantasias para usar, livros para ler, brinquedos para montar... e adultos encontram informações, livros, revistas e também experimentos com os quais se envolver. Para acolher os diferentes públicos em suas necessidades e solicitações diversas, o museu oferece sofás, mesas e cadeiras para adultos, lado a lado com cercado com espaço macio para bebês brincarem (com música de ninar ao fundo, cantada por vozes infantis); tanque de areia, mesas baixas com brinquedos, outras com jogos de tabuleiro, espelhos,

fantasias, velocípedes, cavalos de pau, materiais artísticos, entre outros elementos atrativos a diferentes idades.

Também seus critérios de musealização priorizam o diálogo geracional na medida em que optam por expor, no andar superior, seus objetos organizando-os por tipo – ursos, bonecas, casa de bonecas, roupas, berços – e por oferecer uma apropriação mais cronológica, nem por isso linear, uma vez que sublinham fortemente os contrastes (brinquedos de ontem versus os de hoje). Entendem que expor lado a lado objetos de diferentes tempos-espacos facilita a associação de idéias e ainda o encontro de gerações.

Ainda no que concerne à musealização, o Museu da Infância opta por colocar objetos desde rentes ao chão até a altura dos olhos de um adulto. Na entrevista com Carolyn Chinn, [6] responsável pelo setor educativo, fica esclarecido que a intenção é exatamente abrir os critérios e esgarçar ao máximo a rigidez pré-existente nos antigos modelos de museu com os quais lidamos. No piso térreo há duas galerias – ‘Criatividade’ e ‘Brinquedos que se movem’ – e cada uma delas tem seções com vitrines, todas também nomeadas e cheias de brinquedos, trazendo informações por escrito lado a lado com fotografias e desenhos, abraçando, assim, não apenas os adultos/leitores, como crianças pequenas/não-leitoras.

Os comentários nas paredes e nas etiquetas dos objetos foram minuciosamente pensados e discutidos de forma a acolher e satisfazer esse público-misto (adultos e crianças, leigos e professores, pessoas de diferentes origens étnicas). Segundo Chinn (op.cit.), a quantidade e os conteúdos do material de apoio escrito passaram por muitos estudos e experiências. Em um primeiro movimento de valorização do objeto a ser visto em detrimento da informação sobre ele, e ainda o desejo de acolher crianças e minorias que muitas vezes não falavam/liam Inglês, fez com que, em 2003, as etiquetas fossem muito reduzidas no museu, tanto em quantidade, quanto em texto. Ocorre que, se de um lado essa parcela do público não lê, há outra, fundamentalmente composta por pais e professores, que o faz. Mais do que isso: alguns adultos sentiram-se insatisfeitos diante da possibilidade de as crianças lhes fazerem perguntas e eles não

6 - Entrevista concedida em 21 de fevereiro de 2007.

saberem respondê-las – o que quebrava com a situação socialmente estabelecida de adulto-que-sabe versus criança-que-não-sabe; e isso gerou desconforto e insegurança. Como esse não era o intuito do museu, essa prática foi repensada e as etiquetas novamente reformuladas, porém de maneira bastante estudada: elas devem ter poucas palavras e facilitar a rápida leitura do adulto, subsidiando-o minimamente nas informações a serem dadas às crianças. As informações disponíveis, mesmo que pequenas, são variadas e às vezes ultrapassam a formalidade de uma etiqueta catalográfica daquele objeto. As crianças, obviamente, também podem lê-las, até porque estão colocadas – assim como os objetos – desde rente ao chão. Na altura dos olhos adultos, há, em cada vitrine, uma outra frase que explica a seção. Para complementar, encontra-se nas paredes um pequeno texto, em vocabulário simples, que traz algum embasamento teórico sobre a seção, mostrando-se dirigido a pais.

O investimento em atividades ‘para famílias’ também é parte das políticas direcionadas ao encontro de gerações: atividades são propostas de forma que adultos/pais e crianças/filhos possam usufruir juntos de descobertas e realizações. Neste sentido, o Museu da Infância propõe atividades regulares, tanto pela manhã, quanto pela tarde, além de Sessões Especiais para certas épocas, como o período de férias escolares – tanto para crianças que estejam visitando particularmente o museu, quanto para grupos trazidos pelas escolas. As atividades regulares são abertas a quaisquer crianças que estejam no museu, acompanhadas ou não por seus responsáveis. As Sessões Especiais, por sua vez, são pagas e destinadas a um grupo numericamente limitado; com temáticas variadas, são oferecidas por profissionais autônomos. A seguir trago um trecho de uma observação de campo da sessão “Eu velejo num navio pirata”. (*grifos meus*):

Dia 15/02/2007, 11h30 (...) Tapetes pelo chão para as *crianças*, cadeiras em volta para *adultos*, pano de fundo pintado com navio e alguns outros objetos compondo o cenário: bichos de pelúcias (polvo, caramujo, aves), panos, tules, conchas. A mediadora se apresenta – *Captain Vanilla* – e pede que todas as *crianças e adultos* gritem seus nomes bem alto,

todos de uma só vez, solicitando-os que repetissem mais e mais alto, numa apresentação *coletiva* certamente pouco convencional. Somente depois que “*todos* já se conhecem tão bem...” a *performance* iniciou. (...). *Todas as pessoas* de pé, cantavam e se movimentavam: *O que se usa num barco à vela?* – perguntava: “Vela”! *O que mantém o barco preso?* – “Âncora”; *o que dirige o barco?* “Leme”! Repetia as perguntas, fazia os movimentos e acelerava a cantoria que era animadamente seguida pelas *crianças e adultos*; (...) respondiam *todos* enquanto se movimentavam imitando estas ações. *E o que levamos em nossa mochila para esta viagem?* Variadas foram as respostas (...) – e cada *pessoa* enchia sua mochila imaginária com todos os apetrechos por elas propostos. (...) *Fui capturada por um navio pirata e foi uma terrível experiência...* (...) E ela diz que vai contar os detalhes. Divide o público em dois *grupos*: tubarões e piratas – e ensina a fazerem sons e movimentos que os caracterizem. Cada vez que usa essas palavras, o grupo relativo tem que se movimentar e fazer o som correspondente. *Captain Vanilla* vai contando/cantando sua trágica experiência e sempre perguntando coisas para *todos*. (...) A atenção dada à fala da *platéia* é total. Algumas *crianças* falavam bem baixinho, parecendo querer que só a mediadora ouvisse; outras opinavam e imediatamente buscavam o olhar de seu acompanhante *adulto*. Tudo que é dito é incorporado à história e/ou à música que está sendo cantada no momento, fazendo mudanças na letra da mesma a fim de adaptar à sugestão/comentário de algum *menino, menina ou adulto* presente. (...) Mais participação é percebida na folha deixada na saída da sala pedindo comentários das *peessoas* e ainda o tempo e a paciência dedicada a elas, ao final (12h30), procurando responder a cada pergunta das *crianças*: quem pintou o cenário? Era verdade que a proponente realmente não sabia nadar? E teria mesmo sido ela raptada pelo navio dos piratas?

Em nossa entrevista, Lizzie Lewendon [7] – a mediadora responsável pela atividade acima descrita – reforça a importância de se provocar a participação dos adultos além daquela das crianças, visto que, segundo ela, numa performance, todos que estão a sua frente fazem parte de sua audiência. Para ela, adultos fazem diferença – se estão conectados e interessados, a coisa flui diferente, vira ‘um grupo como um todo’ e a função museal de educação e entretenimento fica mais facilmente percebida. De acordo com sua percepção, se não envolver os adultos, não cria esse clima geral/global.

Por fim, embora não menos importante, aponto as atividades propostas às escolas pelo Museu da Infância, chamadas Sessões de Ensino. Elas giram em torno de recortes temáticos especialmente pensados a partir do Currículo Nacional, [8] e seu maior objetivo, segundo disse Gillian Hunter, a responsável pelas relações museu-escola, em entrevista, [9] é fazer com que as crianças gostem de História e que se sintam entusiasmadas pelo Museu – mais do que gostar dele, é importante que tenham uma experiência tão positiva que possam gostar de ir também a outros museus! – afinal, para a maioria das crianças-visitantes, por serem de faixa etária tão baixa ou pela origem sociocultural, a ida ao Museu da Infância configura-se como a primeira experiência num espaço museal e, por isso, deve ser positiva e marcante. As propostas são dinâmicas, incluem forte participação da criança, deixam claro o objetivo de associar a ida das crianças ao museu à possibilidade de construção de saberes. Uma destas sessões merece destaque neste texto: a “Brinquedos de ontem e de hoje”, cuja idéia central é ressaltar o compartilhamento de experiências entre professores/adultos e alunos/crianças em suas afinidades e distanciamentos a respeito das diversas formas de brincar nos diferentes tempos-espacos.

ALINHAVANDO REFLEXÕES

Por todo o exposto, observa-se que o Museu da Infância procura reforçar a perspectiva de acessibilidade, de museu como espaço de congregação e produção de sentidos, espaço de criação. Carrie Winstanley (2007) chama esse papel híbrido dos museus de edutenimento (educação + entretenimento) e essa idéia está em sintonia com a definição de Mu-

7 - Entrevista concedida em 16 de maio de 2007.

8 - Para conhecê-lo, acesse: www.nc.uk.net.

9 - Entrevista concedida em 16 de abril de 2007.

10 - "International organization of museums and museum professionals which is committed to the conservation, continuation and communication to society of the world's natural and cultural heritage, present and future, tangible and intangible" - In <http://icom.museum/mission.html> - acesso em 5/6/2007.

11 - In: http://www.museus.gov.br/oqueemuseu_definicao.htm#icom - acesso em 5/6/2007.

seus que o *International Council Of Museums* (ICOM) [10] conferiu em sua 20ª. Assembléia Geral, realizada em 2001: "Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade". [11] (*grifos meus*)

A estrutura atual do Museu da Infância procura quebrar com a antiga perspectiva de espaço sagrado e intocável sob a qual ele próprio foi constituído. Nos últimos anos vem tentando reinventar-se, quebrando com a forma tradicional e assumindo um caráter mais lúdico, informal, participativo e acolhedor, facilitado pelo tipo de acervo de que dispõe – ficando, assim, mais próximo à idéia de museu construtivista trazida por Hein (1998: 76), no qual "aprendizes constroem conhecimento na medida em que aprendem; eles não adicionam simplesmente novos fatos àquilo que é conhecido, mas reorganizam constantemente e criam não apenas o entendimento sobre, mas também a habilidade de aprender enquanto interagem no mundo". (*tradução pessoal livre*)

Também quebra com a lógica museal vigente em grande parte da prática museológica quando cria galerias diferenciadas – como a Criatividade e suas Seções 'Inspire-se, imagine, explore' e 'Faça acontecer'. Nelas o público é convidado a participar de uma aventura imaginativa de criação de sentidos, interagindo e elucidando significações diversas àquilo que é visto, na medida em que a mensagem não é fechada. Isto é: os objetos estão agrupados de forma inesperada, exigindo que o contemplador exercite um diálogo com seu repertório anterior (visto, ouvido, vivido) e sua imaginação.

"A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que a fantasia erige os seus edifícios. Quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe essa imaginação". (VYGOSTSKY, 2003: 17)

Outro aspecto que se observa nos demais museus, é que suas vitrines ou a disposição das obras nas paredes são feitas *por e, normalmente, para* adultos. Geralmente os objetos estão expostos numa altura demasiadamente alta em relação ao ponto de vista infantil. No Museu da Infância investigado, diferentemente, veem-se objetos expostos desde rentes ao chão (até a altura do olhar do adulto), favorecendo o acesso visual de crianças e cadeirantes, explicitando claramente a concepção de infância que rege suas ações.

“As crianças não constituem nenhuma comunidade separada, mas sim são partes de povo e da classe a que pertencem. Por isso, o brinquedo infantil não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo”. (BENJAMIN, 1994: 247-8)

Também a comunicação é um item fundamental na musealização dos objetos e, entre outras estratégias, é explicitada por etiquetas que estão, geralmente, ladeando os bens culturais, informando seus dados catalográficos básicos: nome, origem, material, época, produtor/autor etc., dependendo da especificidade daquilo que está exposto. Para além da simples decisão do que deve ser escrito nas etiquetas, foi perceptível em algumas entrevistas e palestras que o sistema comunicacional como um todo preocupa alguns museus, especialmente atentos ao fato de a maioria das pessoas se deter mais na leitura do que na observação dos objetos expostos. Como diz Ott (1997: 122), os “(...) visitantes olham rapidamente as obras nas exposições, sendo que a maior parte do breve tempo em que o fazem é usada na atividade de leitura da etiqueta ao lado da obra”.

Como visto anteriormente, o Museu da Infância se dedicou a buscar alternativas para a estratégia de etiquetagem, não apenas no número de palavras usadas, mas também por colocar etiquetas individuais e grupais, bem como variar o tipo de mensagem: escrita (dados, depoimentos, textos teóricos) e não-escrita (fotos, desenhos, pinturas).

“O sujeito compreende o mundo *na e por meio da* linguagem – mas não aquela que é exclusivamente baseada na identificação de códigos ou nos elementos normativos do discurso. Os sujeitos se constituem sujeitos da linguagem na medida em que esta seja carregada de contexto, de sentido, de significação”. (HONORATO, 2007: 58)

As etiquetas são complementadas com painéis nas paredes e placas informativas em mais duas línguas, explicitando possibilidades de ampliar as formas de apropriação na medida em que se estrutura não apenas como um espaço de entretenimento, mas de educação, produção de conhecimento, pesquisa.

Outro aspecto que vale ser sublinhado é que todos os museus investigados, de forma mais ou menos explícita, referem-se à importância de manter, ampliar e diversificar sua audiência. Reconhecem que é a presença de público que viabiliza a captação de recursos necessários a sua sobrevivência. Considerando a potência turística de Londres e a fama de seus museus, não surpreende que alguns dos maiores, como a *National Gallery*, não estejam tão preocupados com isso quanto outros menores, como o Museu da Infância. Por outro lado, esse esforço de inclusão e acessibilidade parece ir além da perspectiva simplesmente numérica de acréscimo de público, mas ser a expressão de uma política nacional mais ampla em defesa dos direitos humanos, discussões sobre cidadania etc., sublinhando a dimensão do acesso como *direito* do cidadão: “Frequentar exposições amplia o repertório imagético – sonoro, visual, corporal – de todos. Independentemente de gênero, etnia, credo, classe social ou idade, é parte de sua formação, sendo assim, antes de tudo, um direito” (LEITE, 2005: 51) (*grifo meu*)

“O desafio é, então, permanente: os museus têm que ser viáveis economicamente, prosseguir com as pesquisas e encontrar formas de relacionamento com a população de maneira a trazê-la para junto de si, atender a suas expectativas, respeitar seus pontos de vista, seus conhecimentos anteriores; perce-

ber o público não como um bloco homogêneo, mas como pessoas singulares de diferentes grupos sociais, étnicos, religiosos, civis, etários etc”. (idem: 37)

Essa questão está presente e tem sido também foco de intensa discussão na área museológica londrina. Todos os museus pesquisados assumem sua audiência como mista, composta tanto por crianças, quanto por jovens e adultos, ainda que alguns estejam claramente organizados para atender privilegiadamente a estes últimos pela forma como expõem seus objetos. O Museu da Infância se destaca no esforço de acolher as diferentes gerações, não só pela especificidade temática; mas também pela diversidade de espaços de acolhimento (como exemplificado anteriormente); pela preocupação com a visualidade; e ainda pelas diferentes formas de expor, privilegiadamente contrastante de objetos de ontem e de hoje, lado a lado, estimulando o diálogo geracional de experiências vividas.

“(…) a distância espaço-temporal entre as gerações, ao invés de se tornar obstáculo para compreendermos melhor a nossa época, passa a ser uma solução promissora, posto que a dimensão alteritária entre as visões do adulto, da criança e do jovem sobre um mesmo objeto, enriquece definitivamente nossas possibilidades de compreensão do objeto em questão como um artefato da cultura”. (JOBIM e SOUZA & GAMBA JR., 2003: 40)

Além da pluralidade explicitada em sua estrutura física e de musealização, já foi aqui sinalizado que procuram também criar estratégias de ação como “atividades para famílias”, ou ainda o recebimento de grupos escolares. Nesse sentido, nesta investigação encontrei basicamente três posturas no que compete à relação do museu com a criança: aquela que privilegia um conhecimento exterior à criança e que se concentra em transmitir informações; um extremo oposto que pode ser caracterizado pela postura de educadores de museu cujo papel configura-se, basicamente, como o de não interferência, permitindo que a criança explore sozinha, faça suas próprias descobertas e produza seu conhecimento a

partir de experimentos diversos; e uma terceira, talvez no meio destas duas anteriores: as Sessões de Ensino e Sessões Especiais do Museu da Infância. Nelas, crianças e adultos têm oportunidade de experimentar, testar hipóteses, falar, perguntar – ao mesmo tempo, são desafiadas pelos educadores do museu que procuram mediar suas descobertas, na medida em que proveem informações de forma a desestabilizar as aparentes certezas, provocando novas e sucessivas questões.

A TÍTULO DE FECHAMENTO...

Favorecer às crianças, desde bem pequenas, uma experiência enriquecedora junto aos museus faz com que aumentemos a chance de tê-las como incentivadoras de que outras crianças e adultos possam estabelecer uma relação mais qualitativa e plural com estes espaços. Nesse sentido, cabe ressaltar que as crianças geralmente precisam de adultos para levá-las aos espaços de cultura: se os adultos os valorizarem mais, maiores as chances de levá-las e com elas partilharem experiências positivas – e isso é um dos aspectos mais importantes do encontro geracional.

Assim, diria que às crianças cabe que lhes sejam dados: livre acesso ao espaço museal (possibilidade de frequência regular e circulação/acesso direto às coleções expostas nos museus); possibilidade de visualização (com objetos dispostos na altura de seus olhos) e, sempre que possível, manipulação (galerias interativas); facilidade na inteligibilidade das mensagens (com etiquetas múltiplas em linguagem não-escrita ou escrita direta e simples); chances de participação em propostas desafiadoras, lúdicas e criativas que levem em conta seus conhecimentos prévios e que estimulem sua imaginação e diferentes linguagens expressivas; possibilidade de constituir significação ao visto/vivido de forma aberta e autoral através da participação em/criação de narrativas, nas quais suas vozes sejam ouvidas e respeitadas; acesso de forma crítica e reflexiva aos diferentes conhecimentos historicamente construídos sobre o tema visto/vivido; tempo para apropriação de maneira a contribuir para que a experiência seja memorável – única.

Esta pesquisa em Londres aponta, ainda, que aos adultos cabe que lhes seja dada a chance de: ressignificar sua experiência anterior de

visitação museal, se negativa foi, através de novos encontros com os bens culturais; identificar-se com o espaço, sua coleção e sentir-se acolhido e bem-vindo; ter acesso a outros tipos de conhecimento, diferentes dos escolares, de forma a complementar sua experiência de vida; sentir-se convidado a opinar, dialogar com os profissionais de museu e estabelecer trocas diversas; levar as crianças com frequência; perceber os museus como locais de 'edutenimento'.

Sobretudo, crianças e adultos, independentemente de suas classes sociais, gênero, etnia, opção religiosa ou sexual, têm de poder se sentir 'donos' dos museus e deles se apropriarem – isso é uma questão básica de direito e de cidadania.

Assim, na contramão do instituído na contemporaneidade, esse museu parece mostrar que é possível dividir e partilhar o mesmo espaço entre crianças, jovens e adultos – crença que a modernidade parece querer afastar.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e Técnica. Arte e Política: Ensaaios Sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHARMAN, Helen; ROSE, Katherine & WILSON, Gillian. *The Art Gallery Handbook – a Resource for Teachers*. London: Tate Publishing, 2006.

HEIN, George E. "The constructivist museum". In: _____. *Learning in the Museum*. London: Routledge, 1998.

HONORATO, Aurélia R. de S. A experiência com literatura nos relatos das crianças: abrindo espaços de narrativa. Dissertação de mestrado. Santa Catarina: PPGE/UNESC, 2007.

JOBIM e SOUZA, S. & GAMBA Jr. "Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita". In: JOBIM e SOUZA, S. (org.). *Educação @ Pós-modernidade – Ficções Científicas & Crônicas do Cotidiano*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 27-45.

LEITE, Maria Isabel. Museus de arte: espaços de educação e cultura, In LEITE, M.I. & OSTETTO, L.E. (orgs.). *Museu, Educação e Cultura: Encontros de Crianças e Professores com a Arte*. São Paulo: Papirus, 2005.

- _____. "Crianças, velhos e museus: memória e descoberta". In: *CADERNOS CEDES*. Campinas/SP: Cedes, v.26, n.68, 2006
- MOUSSOURI, Theano. "Visitor research in the 2000's: are the challenges really new?" Palestra proferida no Annual Group Meeting (AGM) do Visitor Study Group (VSG), na British Library, 13/02/2007 [mimeo].
- NEWHOUSE, Victoria. *Towards a New Museum*. New York: Monacelli Press, 1998.
- OTT, Robert Willim. "Ensinando crítica nos museus". In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte-educação: Leitura no Subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.
- VYGOTSKY, Lev S. *La Imaginación y el Arte en la Infancia*. Madrid: Ediciones Akal, 2003.
- WILLIS, Abigail. *Museums & Galleries of London*. London: Metro Publications, 2006.
- WINSTANLEY, Carrie. "New ways of learning: learning through leisure". Disciplina oferecida aos alunos de graduação da Roehampton University. Londres: Roehampton, 2007 – anotações pessoais.